

A Morte de Ivan Ilitch



Lev Tolstoi
A Morte de Ivan Ilitch

Romance

Tradução do russo
António Pescada



Leya, SA

Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide • Portugal

Este livro não pode ser reproduzido,
total ou parcialmente, sem a autorização
prévia do editor.
Todos os direitos reservados.

© 2008, Leya, SA

Título original: Смерть Ивана Ильича

Capa: Rui Belo / Silva!designers

Revisão: Clara Joana Vitorino
1.ª edição BIS: Setembro de 2008
Paginação: Guidesign
Depósito legal n.º 280 720/08
Impressão e acabamento: Litografia Rosés, Barcelona, Espanha

ISBN: 978-972-20-3687-0

Prefácio

Este livro tão breve, uma das maiores obras-primas do espírito humano, tem sido, desde a sua publicação, um motivo de controvérsia para a crítica: trata-se de uma obra sobre a morte ou de uma obra que nega a morte? Lukacs, por exemplo, defendia a segunda hipótese, contrapondo o *Llanto por Ignacio Sanchez Mejias*, de Federico Garcia Lorca, como o grande texto acerca do fim. Embora eu concorde com parte dos argumentos de uns e outros é um tipo de discussão que só academicamente me interessa: a morte de Ivan Ilitch é ambas as coisas e transcende tudo isso, para se tornar o retrato implacável da nossa condição: não há sentimento que nele não figure, não há emoção que não esteja presente. Tudo o que somos se acha em poucas páginas, escrito de uma forma magistral. Li-as, maravilhado, umas vinte ou trinta vezes, continuarei a lê-las, maravilhado, até ao fim dos meus dias. Maravilhado, exaltado, comovido, a perguntar-me como é que ele conseguiu. E conseguiu. Reparem no que Tolstoi faz com as palavras e como nos retrata, de corpo inteiro, no mais íntimo de nós mesmos.

António Lobo Antunes



I

Durante um intervalo do julgamento do caso Melvinski, os juízes e o procurador reuniram-se no gabinete de Ivan Egórovitch Chébek no grande edifício do tribunal, e a conversa recaiu sobre o célebre caso Krassovski. Fiódor Vassílievitch procurava acaloradamente demonstrar a improcedência, Ivan Egórovitch mantinha a sua posição enquanto Piotr Ivánovitch, que não interviara na discussão, não participava e ia folheando o *Notícias* acabado de chegar.

– Senhores! – disse ele. – Ivan Ilitch morreu.

– É verdade?

– Aqui está, leia – disse dirigindo-se a Fiódor Vassílievitch e entregando-lhe o exemplar do jornal, ainda a cheirar a tinta.

Dentro de uma tarja negra estava escrito: «Praskóvia Fiódorovna Golovina cumpre o doloroso dever de comunicar aos familiares e conhecidos o falecimento do seu amado esposo Ivan Ilitch Golovin, desembargador, ocorrido a 4 de Fevereiro de 1882. O funeral realiza-se na sexta-feira, à uma hora da tarde.»

Ivan Ilitch era colega dos senhores ali reunidos e todos gostavam dele. Doente há várias semanas, dizia-se que a sua doença era incurável. O seu lugar conti-

nuava reservado, mas havia a ideia de que no caso da sua morte Alekséiev poderia ser nomeado para o seu lugar e Vínnikov ou Stábel para o lugar de Alekséiev. Por isso, ao ouvir falar da morte de Ivan Ilitch, o primeiro pensamento de cada um daqueles senhores reunidos no gabinete foi sobre a importância que essa morte poderia ter para a mudança ou promoção deles próprios ou dos seus conhecidos.

«Agora vou provavelmente ficar com o lugar de Stábel ou de Vínnikov – pensou Fiódor Vassílievitch. – Já me foi prometido há muito tempo, e a promoção representa para mim um aumento de oitocentos rublos, além do subsídio.»

«Agora tenho de pedir a transferência do meu cunhado de Kaluga», pensou Piotr Ivánovitch. «A minha mulher vai ficar muito contente. Já não poderá dizer que nunca faço nada pelos parentes dela.»

– Sempre pensei que ele não voltaria a levantar-se – disse Piotr Ivánovitch em voz alta. – É pena.

– Mas afinal qual era a doença dele?

– Os médicos não conseguiram determinar. Quer dizer, determinavam, mas de modos diferentes. Da última vez que o vi pareceu-me que se havia de curar.

– Pois eu não voltei a casa dele desde as festas. Tencionava ir, mas não fui.

– E então, ele tinha bens?

– Parece que a mulher tinha alguns. Mas coisa insignificante.

– Sim, vai ser preciso ir lá. Eles viviam horripelmente longe.

– Quer dizer longe de si. De si tudo fica longe.

– Não me perdoa o facto de viver do outro lado do rio – disse Piotr Ivánovitch, sorrindo para Chébek. Começaram a falar das distâncias entre diferentes partes da cidade, e voltaram para a sessão.

Para além das considerações suscitadas em cada um deles por aquela morte, acerca das transferências e possíveis mudanças no serviço que dela poderiam resultar, a própria morte de um conhecido próximo provocava, como sempre, um sentimento de alegria: quem morreu foi ele, e não eu.

Cada um deles pensou ou sentiu: «Ora vejam, ele morreu; mas eu estou vivo.» Os mais chegados, os chamados amigos de Ivan Ilitch, sem querer pensaram também em que deviam agora cumprir as muito tristes obrigações de decência de ir à cerimónia fúnebre e fazer uma visita de condolências à viúva.

Os mais próximos de todos eram Fiódor Vassílievitch e Piotr Ivánovitch.

Piotr Ivánovitch tinha sido colega na Faculdade de Direito e considerava-se obrigado para com Ivan Ilitch.

Tendo comunicado à mulher durante o almoço a notícia da morte de Ivan Ilitch e as considerações sobre a possibilidade de transferência do cunhado para a sua circunscrição, Piotr Ivánovitch, sem se deitar para descansar, vestiu o fraque e dirigiu-se a casa do defunto.

Diante da entrada da casa de Ivan Ilitch estavam estacionadas uma carruagem e duas seges de aluguer. Em baixo, no vestíbulo junto ao bengaleiro, estava encostada à parede a tampa da urna revestida de cetim, com borlas e um galão dourado que brilhava. Duas senhoras vestidas de negro despiam os casacos. Piotr Ivánovitch reconheceu numa delas a irmã de Ivan Ilitch. A outra era uma senhora desconhecida. O seu colega Chvarts vinha a descer, e, ao ver do cimo da escada quem entrava, parou e piscou-lhe um olho, como a dizer: «Tola ideia a de Ivan Ilitch; nada como nós os dois.»

O rosto de Chvarts, com suíças inglesas e a sua magra figura vestida de fraque, tinha como sempre uma solenidade elegante que contrastava com o seu carácter jocoso

que tinha ali um picante especial. Assim pensou Piotr Ivánovitch.

Piotr Ivánovitch deixou as senhoras entrarem à sua frente e caminhou lentamente atrás delas para a escada. Chvarts não desceu, parou no cimo, e Piotr Ivánovitch compreendeu porquê: pelos vistos queria combinar onde haviam de ir jogar às cartas nessa noite. As senhoras subiram a escada para o quarto da viúva e Chvarts, com um ricto muito sério nos lábios fortes mas um olhar jocoso, fez um movimento com as sobranceiras indicando a Piotr Ivánovitch, ao lado direito, o quarto onde estava o defunto.

Piotr Ivánovitch entrou, como sempre, incerto quanto ao que ali seria preciso fazer. A única coisa que ele sabia, é que em tais casos nunca faz mal uma pessoa benzer-se. Mas não estava inteiramente seguro sobre se ao fazê-lo devia ou não inclinar-se, e por isso optou por uma solução intermédia: ao entrar no quarto, começou a benzer-se e inclinou-se um pouco. Tanto quanto lho permitiam os movimentos das mãos e da cabeça, ia ao mesmo tempo observando a sala. Dois jovens, que deviam ser sobrinhos, um deles aluno liceal, benzeram-se e saíram do quarto. Estava uma senhora idosa, de pé, imóvel e uma dama com as sobranceiras erguidas de um modo estranho dizia-lhe qualquer coisa em voz baixa. Um sacristão de sobrecasaca, vigoroso, resoluto, lia qualquer coisa em voz alta com uma expressão que não admitia contradições; Guerássim, o criado, passando em frente de Piotr Ivánovitch em passos ligeiros, espalhava qualquer coisa pelo soalho. Ao ver isto, Piotr Ivánovitch sentiu imediatamente um leve cheiro de cadáver em decomposição. Na sua última visita a Ivan Ilitch, Piotr Ivánovitch vira aquele homem no escritório; desempenhava as funções de enfermeiro e Ivan Ilitch gostava especialmente dele. Piotr Ivánovitch continuava

a benzer-se e inclinava-se ligeiramente na direcção intermédia entre a urna, o sacristão e os ícones sobre a mesa ao canto. Depois, quando lhe pareceu que esse movimento da mão a benzer-se já durara demasiado tempo, parou e ficou a olhar para o morto.

O morto jazia como sempre jazem os mortos, de um modo especialmente pesado, defunto, com os membros hirtos afundados no acolchoado da urna, a cabeça para sempre inclinada na almofada, e mostrando, como sempre mostram os mortos, a sua testa amarela como cera com entradas nas têmporas fundas e o nariz saliente, que parecia comprimir o lábio superior. Estava muito mudado, tinha emagrecido ainda mais desde a última vez que Piotr Ivánovitch o tinha visto, mas, como todos os mortos, o seu rosto estava mais bonito e principalmente mais expressivo do que em vida. Tinha uma expressão que dizia que aquilo que havia a fazer estava feito, e feito como devia ser. Além disso, nessa expressão havia ainda uma recriminação ou uma advertência aos vivos. Piotr Ivánovitch achou essa advertência despropositada, ou pelo menos não lhe dizia respeito a ele. Qualquer coisa se lhe tornou desagradável e por isso voltou a benzer-se à pressa, demasiada pressa ao que lhe pareceu, não conforme à decência, voltou-se e caminhou para a porta. Chvarts esperava por ele na sala de entrada, de pernas muito abertas e com as duas mãos atrás das costas brincava com a cartola. Um olhar à figura jocosa, asseada e elegante de Chvarts tranquilizou Piotr Ivánovitch, porque compreendeu que ele estava acima daquelas coisas e não cedia a quaisquer influências desanimadoras. O aspecto dele, só por si, dizia que aquele incidente da cerimónia fúnebre de Ivan Ilitch não era de modo nenhum motivo bastante para infringir a ordem da sessão, por outras palavras, que nada o podia impedir de, naquela noite, baralhar um

novo baralho de cartas depois de o abrir, enquanto o criado colocaria quatro velas novas em cima da mesa; na verdade não havia motivo para supor que aquele incidente os pudesse impedir de passar de modo agradável também aquela noite. Disse-o num murmúrio a Piotr Ivánovitch, propondo-lhe que se encontrassem para uma partida em casa de Fiódor Vassílievitch. Mas pelos vistos Piotr Ivánovitch não estava destinado a jogar *vint*¹ naquela noite. Praskóvia Fiódorovna, uma mulher baixa e gorda, que, apesar de todos os seus esforços, continuava a alargar dos ombros para baixo, vestida de preto, com a cabeça coberta por uma renda e com as mesmas sobranceiras estranhamente arqueadas que a dama que estava em pé ao lado do caixão, saiu dos seus aposentos com outras senhoras e, depois de acompanhá-las à porta do quarto onde estava o defunto, disse:

– A cerimónia vai começar; entrem, por favor.

Chvarts, fazendo uma vénia indefinida, ficou parado, sem aceitar nem rejeitar esse convite. Praskóvia Fiódorovna, ao reconhecer Piotr Ivánovitch, suspirou, aproximou-se dele, pegou-lhe na mão e disse:

– Sei que o senhor era um verdadeiro amigo de Ivan Ilitch... – e olhou para ele, esperando uma acção correspondente a essas palavras.

Piotr Ivánovitch sabia que, do mesmo modo que lá dentro devia persignar-se, aqui devia apertar-lhe a mão, suspirar e dizer: «Acredite!» E foi isso que fez. Depois de o fazer, sentiu que o resultado foi o pretendido: ficou comovido e ela ficou comovida.

– Venha enquanto não começam; preciso de lhe falar – disse ela. – Dê-me o braço.

¹ *Vint*: jogo de cartas semelhante ao *whist* e ao *bridge*, também *whist* russo. (N. do T.)

Piotr Ivánovitch deu-lhe o braço e dirigiram-se para os aposentos interiores passando ao lado de Chvarts, que piscou tristemente o olho a Piotr Ivánovitch: «Ora adeus, *vint!* Não leve a mal, arranjam os outros parceiros. Talvez joguemos a cinco quando ficar livre», dizia o seu olhar jocoso.

Piotr Ivánovitch soltou um suspiro ainda mais profundo e mais triste, e Praskóvia Fiódorovna apertou-lhe o braço agradecida. Entrando na sala de estar forrada de cretone cor-de-rosa, iluminada por um candeeiro fosco, sentaram-se à mesa: ela num sofá, e Piotr Ivánovitch num tamborete baixo, com as molas estragadas que cediam de modo desigual sob o seu peso. Praskóvia Fiódorovna quis preveni-lo para que se sentasse noutra cadeira, mas achou que esse aviso não condizia com a sua condição e mudou de ideias. Ao sentar-se naquele tamborete, Piotr Ivánovitch lembrou-se de como Ivan Ilitch tinha decorado aquela sala e se aconselhara com ele acerca daquele mesmo cretone rosa com folhas verdes. Ao passar ao lado da mesa para se sentar no sofá (toda a sala estava cheia de móveis), a viúva prendeu a renda da sua mantilha preta no canto entalhado da mesa. Piotr Ivánovitch soergueu-se para a soltar, e as molas do tamborete, libertas do seu peso, agitaram-se e empurraram-no. A viúva soltou ela própria a renda, e Piotr Ivánovitch sentou-se de novo, esmagando debaixo de si o tamborete rebelde. Mas a viúva não despreendeu completamente a renda e Piotr Ivánovitch de novo se levantou e de novo o tamborete se rebelou e até rangeu. Quando tudo isto terminou, ela puxou de um lençinho de cambraia limpo e começou a chorar. Quanto a Piotr Ivánovitch, esfriado pelo episódio da renda e da sua luta com o tamborete, ficou sentado, de cenho franzido. Esta situação embaraçosa foi interrompida por Sokolov, o mordomo de Ivan Ilitch, para informar que o lugar

escolhido por Praskóvia Fiódorovna no cemitério custava duzentos rublos. Ela parou de chorar e, olhando Piotr Ivánovitch com ar de vítima, disse em francês que era muito difícil para ela. Piotr Ivánovitch fez em silêncio um gesto a expressar a sua inteira convicção de que não podia ser de outro modo.

– Faça favor de fumar – disse ela com voz magnânima e ao mesmo tempo abatida, e ocupou-se com Sokolov da questão do preço da sepultura. Piotr Ivánovitch, tendo acendido o cigarro, ouvia-a fazer perguntas muito circunstanciadas sobre os diferentes preços do terreno e decidir aquele que se devia adquirir. Depois de tratar do assunto da sepultura, deu ainda instruções acerca do coro. Depois Sokolov saiu.

– Eu própria trato de tudo – disse ela a Piotr Ivánovitch, afastando para um lado os álbuns que estavam em cima da mesa; e, notando que a cinza do cigarro ameaçava a mesa, empurrou sem demora um cinzeiro para Piotr Ivánovitch e disse: – Acho uma hipocrisia afirmar que a minha dor não me permite ocupar-me de assuntos práticos. Pelo contrário, se alguma coisa pode, não direi consolar-me mas... distrair-me, são os cuidados com ele. – Puxou de novo o lençinho a preparar-se para chorar, mas de repente, como a dominar-se, abanou-se e começou a falar calmamente.

– Mas há uma coisa que quero tratar consigo.

Piotr Ivánovitch inclinou-se sem permitir que as molas do tamborete, que imediatamente se agitaram debaixo dele, se desconjuntassem.

– Nos últimos dias ele sofreu horrivelmente.

– Sofreu muito? – perguntou Piotr Ivánovitch.

– Ah, horrivelmente. Não só nos últimos minutos, mas nas últimas horas, não parou de gritar. Durante três dias seguidos gritou sem descanso. Não consigo compreender como suporrei aquilo. Ah!, o que eu sofri!

– Será possível que ele estivesse consciente? – perguntou Piotr Ivánovitch.

– Esteve – murmurou ela –, até ao último minuto. Despediu-se de nós um quarto de hora antes de morrer e ainda pediu que levássemos Volódia dali para fora.

Pensar no sofrimento de um homem que conhecia tão intimamente, a princípio como um rapazinho alegre, colega de escola, depois como colega adulto, apesar da desagradável consciência da afectação, sua e daquela mulher, horrorizou de súbito Piotr Ivánovitch. Viu de novo aquela testa, o nariz que comprimia o lábio e sentiu medo por si.

«Três dias de horríveis sofrimentos e a morte. Pois isso pode-me acontecer a mim agora, a qualquer momento», pensou, e por instantes sentiu-se apavorado. Mas logo, sem que ele soubesse como, veio em sua ajuda a habitual reflexão de que aquilo tinha acontecido a Ivan Ilitch e não a ele, e que a ele isso não devia e não podia acontecer; que estava a ceder a um estado de espírito sombrio, coisa que não devia fazer, como claramente mostrava a expressão de Chvarts. E, depois deste raciocínio, Piotr Ivánovitch acalmou-se e começou a perguntar com interesse os pormenores acerca do falecimento de Ivan Ilitch, como se a morte fosse uma aventura própria apenas de Ivan Ilitch, mas completamente alheia a ele próprio.

Depois de muito conversarem sobre os pormenores dos sofrimentos realmente horríveis por que passara Ivan Ilitch (ele soube dos pormenores apenas pelo modo como os sofrimentos de Ivan Ilitch afectaram os nervos de Praskóvia Fiódorovna), a viúva pareceu achar necessário passar às coisas práticas.

– Ah, Piotr Ivánovitch, como é difícil, como é horrivelmente difícil – e de novo começou a chorar.

Piotr Ivánovitch suspirou e ficou à espera de que ela se assoasse. Quando ela acabou de se assoar, ele disse:

– Acredite-me... – e de novo ela se pôs a falar e disse aquilo que pelos vistos era o principal assunto a tratar com ele; esse assunto consistia na questão de como obter dinheiro do tesouro público por motivo da morte do marido. Ela fingia estar a pedir-lhe conselhos acerca da pensão; mas ele via que ela já sabia até aos ínfimos pormenores coisas que nem mesmo ele sabia: tudo aquilo que era possível obter do tesouro por motivo daquela morte; mas o que ela queria descobrir era se não seria possível de algum modo obter ainda mais dinheiro. Piotr Ivánovitch tentou pensar como o conseguir, mas, depois de pensar em vários meios, e por decência, criticar o nosso governo pela sua avareza, disse que não achava possível conseguir mais. Então ela suspirou e pôs-se visivelmente a imaginar um meio para se ver livre do seu visitante. Ele compreendeu isso, apagou o cigarro, levantou-se, apertou-lhe a mão e saiu para a antessala.

Na sala de jantar, com o relógio de que Ivan Ilitch tanto gostava, comprado numa loja de bricabraque, Piotr Ivánovitch encontrou o sacerdote e algumas pessoas conhecidas que tinham vindo assistir à cerimónia e viu uma bela jovem, sua conhecida, filha de Ivan Ilitch. Estava toda vestida de negro. A sua cintura, muito fina, parecia mais fina ainda. Tinha um ar sombrio, determinado, quase colérico. Fez uma vénia a Piotr Ivánovitch como se ele fosse culpado de alguma coisa. Atrás dela, com o mesmo ar ofendido, estava um jovem rico, um juiz de instrução conhecido de Piotr Ivánovitch, e que segundo ouvira era o noivo dela. Ele cumprimentou-o tristemente, com uma vénia, e queria passar ao quarto do morto quando, vindo da escada, apareceu o filho de Ivan Ilitch, aluno do liceu, extremamente parecido com o pai. Era o pequeno Ivan Ilitch tal como Piotr Ivánovitch o recordava, quando ambos estudavam Direito. Os seus olhos chorosos tinham o ar que costumam ter os olhos dos rapazes

viciosos de treze, catorze anos. Ao ver Piotr Ivánovitch, o rapaz franziu o cenho de um modo severo e envergonhado. Piotr Ivánovitch inclinou a cabeça e entrou no quarto do morto. Começou a cerimónia – velas, gemidos, incenso, lágrimas, soluços. Piotr Ivánovitch estava de pé, carrancudo, olhando os pés à sua frente. Não olhou uma única vez para o morto e, até ao fim, não cedeu às influências deprimentes e foi um dos primeiros a sair. Na antessala não havia ninguém. Guerássim, o criado, saiu do quarto do morto, remexeu com os seus braços fortes todos os casacos de peles para encontrar o de Piotr Ivánovitch, e entregou-lho.

– Então, amigo Guerássim? – disse Piotr Ivánovitch, para dizer alguma coisa. – É pena, não é?

– É a vontade de Deus. Todos vamos para lá – disse Guerássim, arreganhado os seus dentes brancos e regulares de mujique, e, como um homem no meio de um trabalho intenso, abriu a porta com vivacidade, chamou o cocheiro, ajudou Piotr Ivánovitch a subir e voltou a saltar para o alpendre, como a pensar naquilo que ainda tinha de fazer.

Piotr Ivánovitch achou especialmente agradável respirar o ar puro depois do cheiro a incenso, a cadáver e a fenol.

– Para onde vamos? – perguntou o cocheiro.

– Não é muito tarde. Ainda vou a casa de Fiódor Vasílievitch.

E Piotr Ivánovitch lá foi. De facto ainda os apanhou no final da primeira partida, de modo que lhe foi fácil entrar no jogo como quinto parceiro.